

# Discurso de posse na Cadeira nº 14 da ALB

Gláucia Lemos

Em sua obra *A coragem de criar*, o filósofo e terapeuta americano Rollo May afirma que o homem cria arte como ato de rebeldia, um desafio aos deuses imortais. Pela arte que realiza a Imortalidade se lhe torna possível, prerrogativa dos deuses que não lhe foi concedida. Aqui nesta Casa, onde se concentra o escol da cultura desta terra de tradições, alcança-se a Imortalidade mediante a aposição de um colar que se conquista pelo mérito da obra realizada,

Contemplado este rito, porém, por um olhar especial de escritor de livros infantis, – alguém que sonha utopias e as expressa em palavras para encantamento de crianças –, esse mesmo ato solene ganha a vestimenta de um conto de maravilhas, que bem poderia ser intitulado *A Lenda do Colar da Imortalidade*. Narraria esta lenda a existência de um certo colar de ouro que deteria o poder de concessão da Imortalidade a quem o colocasse ao pescoço. Todos os mortais que padecessem angústia pela inaceitação do fim dos seus dias quereriam conquistá-lo. Isso significaria galgar penosamente uma escadaria infinitamente longa e eivada de tropeços, durante muito tempo, até alcançar, no cume, o Olimpo, onde estaria escondido o mágico colar de ouro. Essa escadaria de tão difícil escalada teria o sugestivo nome de Trabalho. Mas esta lenda, meus senhores, ainda não foi escrita e provavelmente eu nunca a escreverei, porque, ao invés de elaborá-la, eu a estou vivendo nesta noite, desde que há poucos momentos, vencida a longa escadaria dos

meus 30 anos de trabalho, alcancei o Olimpo e recebi o colar da minha Imortalidade, ali, frente àquela mesa, pelas mãos do senhor presidente desta Academia, professor Edivaldo Boaventura.

Mas, é hora de acordar, descer do sonho literário e fazer a minha oração, com olhos voltados para a realidade deste momento. E vos dizer que ainda sendo o lugar-comum um dos inimigos do escritor, nem sempre dele podemos prescindir, pois de dois lugares-comuns neste discurso deverei socorrer-me.

O primeiro deles é o expressar de minha emoção. Uma emoção que nunca se repetirá, porque a posse na cadeira de uma Academia de Letras só ocorre uma vez na vida de um escritor, posto que não se elege mais de uma vez o mesmo escritor para o mesmo Sodalício. Esta emoção estou a vivê-la em plenitude. O segundo lugar-comum é dizer-vos do agradecimento, esse que nos é imposto pelo figurino das boas maneiras. E muito mais que isso, sendo a expressão “muito obrigada” a mais corriqueira que repetimos a cada oportunidade diária, em horas como esta ela se reveste do sentimento de quem se sabe sobremaneira reconhecido pela seriedade com que opera o seu que-fazer e da felicidade por assim se saber.

Permiti-me, senhores, dirigir um agradecimento particular àqueles que espontaneamente deliberaram demorar-se no meu nome para ocupar a Cadeira n° 14, levando a seus pares a informação do que tem sido minha obra, nestes 30 anos de atividade com a palavra. Eu vos digo, a todos, com minha sincera emoção, Muito Obrigada. Por me haverdes reconhecido uma operária do vosso ofício e me haverdes convocado a participar dos trabalhos deste templo, a viver o vosso convívio, a me tornar um de vós aqui dentro.

Muitos serão chamados, meus senhores, poucos escolhidos. Ocorre-me esta sentença ao iniciar a minha oração. Muitos são os inspirados pelo irresistível *vocatus* ao culto da palavra, poucos os escolhidos pelas circunstâncias; sejam sociais, geográficas ou culturais, para, atendendo à premência desse chamamento interior, dedicarem-se a exercitá-lo e aperfeiçoá-lo, mediante um labor tão intenso quão fascinante, qual seja o labor literário.

Eu me reconheço uma escolhida. Trouxe comigo a vocação – que essa ninguém escolhe – e encontrei na vida as circunstâncias. Por graça e bênção dessa escolha é que estou aqui.

Quer a praxe acadêmica que o empossado conheça e fale dos que o precederam. Começo pelo patrono da Cadeira n° 14, Francisco Gonçalves Martins, Visconde de São Lourenço, nascido em Santo Amaro, no ano de 1807.

Estudou em Portugal, cursando Direito em Coimbra. Não se graduou, por ter-se engajado na luta pela princesa brasileira D. Maria da Glória contra seu tio D. Miguel. Foi jornalista e, anos mais tarde, recebeu de D. Pedro I o título de bacharel em Direito, como reconhecimento pelos serviços prestados à causa da princesa, o que lhe permitiu exercer a advocacia. De D. Pedro I também recebeu a comenda de Cavaleiro da Imperial Ordem de Cristo. O visconde, conquanto amasse a Bahia, abominava os poetas, aos quais atribuía pouca seriedade, e isso lhe atraiu a antipatia do mestre Machado de Assis.

Foi fundador da Cadeira n° 14 o professor Bernardino José de Souza. Lecionou diversas disciplinas de nível fundamental, sendo também catedrático de várias matérias do ramo do Direito. Natural do estado de Sergipe, veio a revelar-se um benfeitor do ensino na Bahia.

O professor Bernardino de Souza foi sucedido pelo médico Dr. Alberto Silva que era também professor e pesquisador de História da Bahia. Escreveu vários livros, merecendo especial menção sua obra *Cidade do Salvador*.

Em seguida, foi eleito o Dr. Edgard Santos, fundador da Universidade Federal da Bahia, da qual foi reitor e a cuja obra dedicou o melhor do seu espírito empreendedor. Tornou a nossa universidade uma notável instituição do Saber, para o que abdicou do exercício da medicina, na qual se dedicava à cirurgia com sucesso reconhecido.

Pelo falecimento do Dr. Edgard Santos, coube a cadeira ao professor Raul Batista que era um erudito, sobretudo no domínio das literaturas latina, grega e brasileira.

Por sua morte, foi eleito o contista Carlos Vasconcelos Maia para a vacância. O contista envolvente, a pessoa carismática, o amigo afetuoso, assim é um ligeiro perfil de Vasconcelos Maia. Autor apaixonado pelo mar, tema constante dos seus contos admiráveis, sua importância para a Bahia ultrapassa a expressão literária de livros como *O Cavalo e a rosa*, *O leque de Oxum*, *Cação de Areia* e tantos outros que se encontram em traduções para obras internacionais, “cantando sua aldeia” para o

mundo. Também legou seu trabalho à frente da Secretaria de Turismo de Salvador; em sua gestão, e só então, Salvador começou a ter organizado seu turismo. Vasconcelos nos deixou sem anúncio, em uma festa de amigos. Todos os que lhe tínhamos afeto, sempre o lembraremos nas salas desta Academia, sereno, risonho, receptivo. Querem as circunstâncias que a mim, que muito o admirava, também caiba a honra de vir a ocupar a Cadeira por ele deixada, após tê-la merecido o poeta Epaminondas Costalima, meu antecessor mais próximo.

Costalima, poeta que se interessou pela lírica desde a infância, foi profissional da Propaganda, tendo recebido o troféu Personalidade da Comunicação. Teve toda a sua vida dedicada aos que-fazerem da publicidade, sem jamais se negar, porém, à vocação de poeta cedo manifestada. Publicou *Do simples viver*, *Retrato desfeito*, *Tempo e circunstância*, *A noite de glória de João da Silva*, livros de poemas, em razão de cuja excelência foi sufragado para ocupar a vaga deixada por Vasconcelos Maia. O poeta pertenceu à Academia de Letras da Bahia de 1989 a 2010, e neste momento eu me sinto imbuída da responsabilidade de merecer a sucessão a tão ilustres nomes que me precederam nesta cadeira.

Senhores acadêmicos, meus senhores, talvez neste momento, quando relato sobre os meus antecessores, estejais a perguntar: E vós, quem sois? De onde estais a vir? Eu vos direi:

Meu pai, o sr. Ascânio Tasso Pinheiro de Lemos, oficial do Exército, foi homem excepcionalmente bom, sensato e firme de caráter. Responsável e amoroso para a família, tolerante e generoso com seus subordinados e com estranhos. Oficial graduado pela Academia Militar, morreu no posto de Major. Era da família Pinheiro de Lemos, oriunda de Portugal, cujo primeiro membro a vir para o Brasil no século XVII foi o Dr. João Pinheiro de Lemos, médico cirurgião do Exército. De sua vinda ocupa-se a Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia em edição dedicada a “Famílias ilustres vindas de Portugal”, que me foi presenteada pelo historiador prof. Dr. Cid Teixeira, que enriquece esta Academia com sua cultura. Minha mãe, a senhora Adília Silva de Lemos, uma pessoa que tinha por traço dominante o culto aos valores morais, era enfermeira, teve expressiva atuação à frente da enfermagem e da administração na fundação e funcionamento do Sanatório Bahia, tendo

sido mencionada elogiosamente pelo médico psiquiatra baiano Dr. George Alakija, em Comunicação por ele apresentada em Congresso Nacional. Fomos 3 filhos deste casal. Comigo, meu irmão já desaparecido e minha irmã, que é minha grande amiga.

Tendo falecido meu pai quando eu tinha 3 anos de idade, minha mãe, viúva jovem, transferiu a família para a capital sergipana, onde tinha seus familiares. Lá estudei as primeiras letras no Colégio Senhora Santana. Recordo-me com veneração e saudade das minhas primeiras mestras. De sua competência e de seu carinho recebi a continuidade do estímulo a meu gosto pelo estudo e a meu interesse por aquisição de conhecimentos, o que já levava do ambiente familiar. Lá vivi uma infância alegre, muito rodeada de música e de livros, pois comecei a ler aos 4 anos de idade, a partir do que os livros passaram a ser o presente que mais me fazia feliz e o lazer que mais me interessava. Na pré-adolescência retornamos para Salvador. Aqui, no Instituto Normal da Bahia, completei meus estudos até o 2º grau, ao mesmo tempo cursando Desenho na Escola de Belas Artes, que ainda não era parte da Universidade. Mais tarde fiz Extensão em Desenho na Escola já ligada à UFBA e Arte em Série no Museu de Arte Moderna, no Solar do Unhão.

Não vos cansarei a contar passo a passo da minha trajetória. Não difere muito do comum das famílias classe média que viviam obedientes a um esquema de rígida observação aos costumes, vigente quando a literatura era passatempo corriqueiro, e o estudo da música complemento indispensável à boa formação. Casei-me com o jornalista e advogado Altamirando Luquini Leal, homem muito voltado para o trabalho, amante dos clássicos da música e dos bons livros. Tivemos 5 filhos, com os quais aprendi o amadurecimento da responsabilidade de formar caracteres e lapidar corações, acertando às vezes, errando outras tantas, sempre na tentativa do melhor. Tenho duas filhas que estão casadas e dois filhos solteiros, todos profissionais liberais, todas pessoas direcionadas para o bem, como também o são os sete netos, dos quais recebo só carinhos e motivos de alegria. E nos meus três genros tenho também a continuidade da minha família, neles sentindo igual afeto, que nos une no mesmo círculo amoroso.

Meus senhores, esta sou eu, este o meu perfil. É daí que venho, como vedes, muito centrada nos pilares da família. Em 1967 Deus

escolheu para anjo minha primeira filha, então com 12 anos. Eu vos asseguro, meus senhores, que dor maior alguém jamais conhecerá. Foi então que, ao lado da responsabilidade pelos outros filhos, o curso de Direito da Universidade Católica do Salvador significou a minha coluna de apoio e reequilíbrio. Sai na turma de 1972 e fiz a pós-graduação na UFBA, em 1981, em Crítica de Arte.

Por esse tempo já vinha escrevendo em jornais. Colaborei no tabloide do jornal *A Tarde*, da praça Castro Alves, anos 60, quando tinha à frente o jornalista Claudir Chaves. Assinei a coluna Pelas Universidades, no *Diário de Notícias*, durante cinco anos, sendo meu editor o jornalista Clementino Heitor de Carvalho. Tive que me afastar em razão da regulamentação da profissão de jornalista, pois não me sindicalizara como haviam feito vários companheiros, e perdi assim meu direito às redações de jornal. Tinha, porém, sido picada pelo vírus do jornalismo, e voltei a publicar mais tarde, colaborando durante 8 anos na coluna de arte Painel, do prof. Herbert Magalhães, em *A Tarde*, assinando a coluna de arte Opinião, na *Tribuna da Bahia*, quando editada pelo jornalista José Antônio Moreno, e publicando ensaios de arte, resenhas e comentários críticos em *A Tarde Cultural*, aproveitando o viés que a lei me concedia, publicar sobre assuntos ligados à minha formação. Entre 1982 e 1984 organizei e coordenei o curso teórico na Escola de Belas Artes da Fundação Teatro Deodoro, em Maceió, no qual lecionei História da Arte e Iniciação à Estética, enquanto lá residimos por interesse profissional de meu marido. A saudade da Bahia era intensa, e o coração baiano todos os dias queria voltar.

Aprendi o caminho desta Academia quando, em 1985, tendo retornado dos 3 anos de residência em Maceió, trouxe pronto o meu primeiro romance, *O riso da raposa*. Estavam abertas inscrições para o Prêmio Cidade do Salvador, para romances, nesta Academia. Era o meu primeiro romance. Eu o inscrevi sob pseudônimo de Tereza de Ávila, e a comissão composta pelas senhoras Myriam Fraga, acadêmica, Judith Grossmann, professora da Universidade, e sr. James Amado, também acadêmico, achou de justiça atribuir-lhe o prêmio. Era eu uma neófito, sem laços no ambiente cultural, tendo publicado um livro de contos em 1979 porque o saudoso professor e acadêmico Carlos Eduardo da Rocha lera meus contos no *Jornal da Bahia*, em um concurso de contos coordenado pelo jornalista e escritor Adinoel Mota Maia,

do qual também saíram outros escritores que são hoje acadêmicos, Aleilton Fonseca e Carlos Ribeiro, e ainda outros que lá fora continuam a laborar seu trabalho, como Ayeska Paulafreitas, Dalila Machado e Orlando Pereira dos Santos. O prof. Carlos Eduardo da Rocha, repito, procurara me conhecer através de uma amiga comum. Espontaneamente me encaminhara à Fundação Cultural do Estado, me oferecendo a primeira oportunidade para publicar um livro de contos. Assim mesmo, facilmente. As boas coisas da minha vida assim acontecem. Ainda bem, porque, das iniciativas que minha timidez não me permite tomar, uma delas é batalhar por algum interesse. Se as oportunidades não vierem a mim, eu não sei partir à procura delas. Não aprendi a litigar por coisa alguma. Acostumei-me a buscar o êxito no aprimoramento do que faço. Assim tenho vivido e não tenho de que me queixar; levo a vida a sério, e a vida, por sua vez, tem me respeitado.

Esse primeiro prêmio de um primeiro romance foi também o meu primeiro laço com esta Academia. Despertou uma certeza de que escrever romances não me era impossível. Senti um grande estímulo para trabalhar no gênero, o que sempre fora meu desejo, desde que na adolescência conheci Dostoiévski, Camus, Thomas Mann, Liev Tolstói, Flaubert, Ernest Hemingway, Jorge Amado, Adonias Filho e também os contos de Maupassant e Tchecov. Descobrir personagens, rir e chorar com eles, encontrar situações, vivê-las, sofrê-las, acompanhar destinos que se criam e se resolvem em minhas próprias mãos. Tudo isso tem um fascínio particular que continua sempre igual, além do artesanato da palavra, a reescritura e as revisões, a busca da sonoridade da palavra, do ritmo que complete a musicalidade do texto. O fascinante universo da palavra, sem o qual a literatura não se realiza. Isto é o encanto que me faz entender que a vida vale a pena.

Por esse tempo minhas filhas me deram os primeiros netos, e essa nova geração plenificou meu coração de um amor diferente, aquele amor que tem sabor de esperança e de graça. Essa esperança que não se define, talvez esperança em um futuro mais promissor para um país no qual todas as coisas àquela altura já estavam desmoronando e nunca mais foram reerguidas, desde a fragilidade dos costumes à decadência do ensino e demais atendimentos às carências populares. Nascia em mim, perante a nova geração, uma certa fé de que os novos que estavam

chegando fossem o socorro para nossa perdição. Talvez uma vaga esperança que vemos nos pequeninos olhos inteligentes dos nossos pequeninos, foi ela o que me inspirou meu primeiro livro infanto-juvenil, o *Coração de Lua cheia*, cuja história dá conta de que todos os que têm um sonho partem em alegre viagem para realizá-lo em Jumarán. O utópico Jumarán, que é a esperança representada no anagrama dos meus primeiros netos, as primeiras sílabas dos nomes de Juliana, Marina e André. O livro saiu em 1986 pela Companhia Editora Nacional e está esgotado. Estou tentando negociá-lo em nova edição por outra editora. Assim começou minha jornada pela literatura infanto-juvenil, que conta hoje 20 títulos, alguns esgotados.

Meus senhores, estaria sendo injusta se omitisse aqui um importante crédito a alguém que teve particular expressão na minha infância e na minha criação de livros infantis. Aquela babá, que, sem qualquer vínculo consanguíneo, foi para mim e meus irmãos mais que uma mãe amorosa, era a nossa Segunda Mãe, que, conquanto tivéssemos por perto nossa verdadeira mãe severa e vigilante, era ela quem nos mimava e cuidava, nos punha a dormir cantando e contando histórias envoltas em magia, que, tenho certeza, concorreram para estimular minha criatividade e constituíram uma sementeira para o surrealismo manifestado na obra infantil da autora que hoje sou. Onde estiver aquela estrela de bondade, que a ela chegue a luz da minha gratidão.

Depois do primeiro infanto-juvenil, cresceu minha produção no gênero e se expandiu pelas escolas do Brasil, de tal modo, que a autora de livros adultos e a crítica de arte passaram a segundo plano, e meu nome definitivamente ficou associado a livros infanto-juvenis, tornando-se o referencial da literatura infanto-juvenil produzida na Bahia. Na esteira do êxito pesem premiações como da Secretaria de Cultura do Maranhão, da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil-SP, do Programa Nacional de Biblioteca na Escola, do Instituto Nacional do Livro – INL-RJ, do Bureau Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e das muitas solicitações de editoras para inclusões de textos da autora em livros didáticos.

Escrevo menos contos, é verdade, mas a paixão pelo romance não se deixou minorar. Mais três romances foram escritos e, cada um a seu tempo, também todos os três premiados: Secretaria de Cultura de Recife, aos 450 anos da fundação da cidade em 1988; Prêmio Graciliano



Ramos, da União Brasileira de Escritores do RJ, em 1991, e prêmio O melhor Livro, da União Brasileira de Escritores de São Paulo, em 2007, prêmios que vieram a somar ao meu primeiro romance, premiado por esta mesma Academia, que, nesta solenidade, me confia uma Cadeira.

Não poderia narrar a ordem em que meus livros foram produzidos ou publicados, não porei à prova a vossa tolerância, mas devo dizer-vos que estão em 34 títulos, entre os vários gêneros, incluindo participação em três antologias. Se pareço vaidosa a enumerá-los, peço seja relevada minha imodéstia, que manifesto sem a menor arrogância.

Em 1996 morreu meu marido, presente na memória da família.

Assim venho vindo, meus senhores. Parti há trinta anos da Fundação Cultural do Estado. Prossigo porque tenho convicção de que, tendo abandonado as lides jurídicas pela então aventura literária, eu que jamais entrei ou me arrisco em qualquer aventura, eu que sonho muito, mas jamais tiro do chão firme as solas dos meus sapatos, e que tenho muito medo de me decidir pelo desconhecido, resolvi fazer a única coisa que sou capaz de fazer acreditando nela, que é escrever. Só se faz com verdade uma coisa se nela se acredita. Por isso eu não poderia ser fiel a meu diploma de bacharel em Direito, por certo não teria sido a psicóloga que, por algum tempo, cogitei vir a ser – nem sequer comecei – não sei se fui a mãe que honestamente me esforcei para ser e para o que dei de mim tudo o que humanamente consegui tirar da minha possibilidade e do meu amor, por isso, senhores, um dia ainda hei de pedir que me perdoem os que acaso, silenciosamente, tenham guardadas minhas possíveis ineficiências. Não sei que faltas ou culpas involuntárias ainda tenha tido no meu percurso já um tanto longo, mas a realidade é que de tudo o que eu tenha sido incumbida, ou tenha assumido ou pretendido ser ou fazer, o que não fui, não fiz, foi por não ser capaz, confesso que só sei escrever. Se disso fosse impedida não saberia o que fazer dos meus dias.

Nesta noite, cujas alegrias ofereço a meus filhos, meus netos e minha bisnetinha que ainda está chegando, realizo o meu ritual de passagem, convicta de que, se a Imortalidade continua a me ser inacessível fisicamente – e é por isso que desafio os deuses com minha arte, como quer Rollo May, – nas lembranças de infância e juventude das crianças e dos jovens que leem minhas histórias, o colar da lenda funcionará, minha Imortalidade magicamente acontecerá, assim como no meu

espírito se imortalizaram os contos escutados na minha infância, antes de dormir, e como em mim se imortalizou Dostoiévski, aos meus 14 anos, quando o li pela primeira vez, em *Os Irmãos Karamázov*, e, ingênua e pretensiosamente, eu o elegi aquele escritor que um dia eu gostaria de ser. Repito: ingênua e pretensiosamente.

Sei que começo nesta Academia de Letras em etapa da vida em que muitos a têm deixado. Mas sou daqueles que acreditam ser possível driblar o tempo com nosso esforço, e que a cada nascer do sol a vida recomeça, como uma nova história a ser escrita, uma nova história a ser contada. Só é preciso descrever do tempo e acreditar na história a que estamos dando começo.

Começo hoje a escrever minha história convosco, senhores acadêmicos, meus confrades. Enquanto vos agradeço a atenção, e a atenção de todos os presentes, eu vos prometo honrar e dignificar esta Academia, como tenho honrado e dignificado toda a minha vida, com as graças de Deus.

Muito obrigada.

S

---

Discurso de posse, na Cadeira nº 14, proferido pela escritora Gláucia Lemos, no salão nobre da Academia de Letras da Bahia, em 21 de outubro de 2010. A acadêmica foi recepcionada por Waldir Freitas Oliveira, titular da Cadeira nº 18 da ALB.